

O livro-concha: reflexões para a formação das pessoas



Park, Margareth Brandini
*Formação de Educadores:
Memória, Patrimônio
e Meio-ambiente*
Campinas: Mercado de Letras,
2003. 208 p.

RENATA SIEIRO FERNANDES

Pedagoga e doutoranda pela Faculdade de Educação (Unicamp)

Com quantos livros se faz uma pessoa?, pergunta-se Fernando Bonassi em sua coluna no jornal *Folha* de S. Paulo (25/março/2003). E ele elenca uma série de livros adjetivados, encontrados nas estantes e escritos para diferentes leitores e leituras. “Todo livro é um livro da vida (mesmo os livros de contabilidade, que são livros de dívidas). Livros de poesia controlam a azia. Livros de história fortalecem a memória. Livros de viagem aperfeiçoam a paisagem. Livros de religião, aumentam a devoção. Livros de química servem para misturar. Livros de teste, para confundir. Livros de lógica, para entender. Livros didáticos, para explicar. (...) Livros ensinam a ler. Livros para o humor. Livros para quem quiser ver. Livros loucos para saber. Livros beijados, livros mordidos. Livros apalpados, livros espremidos. Livros são romances cultivados”.

Livros-concha abrigam, guardam, recebem, estimulam... abrigam histórias de coisas vividas no particular e no coletivo, em um tempo presente ou em um passado distante ou recente, que guardam lembranças e memórias dos corpos que estiveram ligados a ela, que recebem e estimulam afetos, sentidos, sensibilidades, significados, sonhos, projetos para o tempo por vir.

A leitura do livro organizado por Margareth Brandini Park, *Formação de Educadores: Memória, Patrimônio e Meio-ambiente*, recém lançado pela editora Mercado de Letras/CMU, inicia-se pelas mãos, pelo tato e manuseio.

Muitas informações vêm a nós ao mesmo tempo: a textura da capa, a cor do papel, o título que joga e brinca com tipos e tamanhos de letras diferentes para provocar combinações



Igreja Matriz de Jarinu, SP, s. d. - Col. "Jarinu tem memória"

de sentido, a ilustração esmaecida que ladeia o título, o trecho do depoimento sensível e saudoso de uma professora. [1]

A cor parda e a leve aspereza do papel da capa, complementam-se com a cor acinzentada e a lisura do papel que compõe o corpo do livro. O "granulado", as "penugens" do papel reciclado, expõem-no e fazem desenhos que se mesclam com os das letras impressas, e que não passam despercebidos ao olhar.

As palavras do título podem ser lidas soltas ou em conexão, formando pares ou trios, mas que não perdem o sentido pois carregam em si significados precisos. Dessa forma, intui-se que o livro tratará de memória, de formação de educadores, de patrimônio, de meio ambiente e da relação entre esses assuntos, formando o eixo de um trabalho pedagógico.

A ilustração da concha que aparece na capa junta-se ao depoimento de uma professora no verso da capa. A idéia da concha origina-se

ali e servirá de contexto, de metáfora, para o que está contido nos artigos que compõem o livro.

O trecho escolhido condensa o que o título do livro e o teor dos artigos querem transmitir:

"(...) como nessa época – mais ou menos em 1976 – eu morava no município de Novo Horizonte, onde a distância até o mar é grande e sonhávamos em conhecê-lo, colocávamos a casa do caramujo no ouvido e ouvíamos um som que dizíamos ser o barulho do mar". Um objeto de sua memória. "Saí, então, à caça de uma casa de caramujo. Pedi ajuda à minha mãe e à minha irmã, pois ambas vivem em zona rural". A procura. "Depois de quase um mês de espera, recebi via correio, duas casas de caramujo com mais ou menos dez centímetros de comprimento e quatro centímetros de altura". A surpresa. "Pude então sentir a destruição causada pelos agrotóxicos, pois meus filhos não brincarão com caramujos vivos como brinquei, e guardarei essas casas com cuidado e carinho para que eles possam, pelo menos, ouvir o barulho do mar como na minha infância". A constatação. São os objetos-memória, "os caramujos da nossa infância", como sagazmente evidenciam os autores Nilza Souza e Eduardo Conegundes (p. 113).

Em um segundo momento, as mãos desdobram as "orelhas" do livro e somos, outra vez e de uma outra forma, apresentados a ele. Um texto curto, poético e sensível nos avisa que a



Casa localizada à Rua Coronel José Inácio, 83, no Centro de Jarinu - SP

discussão sobre o meio ambiente deve trocar a fração, ou seja, passar de “meio” para “inteiro”. “Trabalhando com memória, cultura e cotidiano, assumimos o meio ambiente, ou melhor dizendo, o ambiente inteiro, como patrimônio constituinte do processo pedagógico”.

Folheando o livro, paramos nas fotos que aparecem em um e outro artigo. Fotos de detalhes de construção, closes arquitetônicos. Fotos de cenas de cidade (Jarinu) e de pessoas. Fotos estáticas (de paisagem urbana, rural) e fotos com “movimentos” (pessoas dançando, se divertindo). Recortes inusitados de desenhos infantis e de fotos, que se prolongam para fora das dimensões do papel, e que fazem as aberturas dos artigos.

Um “pequeno guia vocabular” aparece ao final, e nos apresenta aos termos utilizados, às pessoas e aos locais referidos nos textos escritos.

E chegamos a esses textos que foram sistematizados e escritos pelo grupo que trabalha

com a formação de educadores da rede pública de ensino da cidade de Jarinu-SP, incluindo os meios formais e não-formais. Profissionais, docentes e pós-graduandos, das áreas de artes (música, artes visuais e arte-educação), arquitetura, pedagogia, ciências sociais, sociologia, biologia.

Mais uma vez somos apresentados ao livro, desta vez pelas “mãos” e “olhares” de Lígia Wild e José Arnaldo de Oliveira, como resultante de um projeto institucional denominado “Jarinu tem memória”,

que se originou de uma parceria entre a Unicamp e a Prefeitura Municipal do município. Através da metodologia da História Oral, o objetivo desse trabalho foi reconstruir a memória social, histórica e cultural jarinuense através de um programa de “formação continuada” dos professores e educadores que atuam nos meios educacionais, priorizando seu papel de pesquisador.

Os percursos e percalços dessa empreitada, que busca envolver os vários segmentos e gerações da comunidade nesse projeto, ao longo de quatro anos, são relatados e analisados pela organizadora do livro, que se vale de conceitos inovadores e de referenciais literários para construir suas interpretações.

Em nove outros artigos, diferentes pontos desse trabalho são recortados e evidenciados, retratando as relações entre alfabetização-meio ambiente-memória; educação ambiental na escola; memória e participação social; me-

mória e identidade sociocultural; memória de professores e educadores na educação infantil; histórico da educação não-formal e o trabalho local; fotografia e constituição de arquivos públicos; bens públicos patrimoniais e o tempo; currículo por projetos.

Mais do que um livro com indicação para especialistas, é um trabalho que pode ser lido e apreciado por diferentes pessoas por ser uma obra educativa e, portanto, formativa. Para além da sua apreciação estética, estão as discussões e as formas com que essas são apresentadas, mos-

trando sensibilidade nas observações, no fazer e no pensar de cada autor do livro. É um exemplo de "livro da vida", no dizer de Bonassi. Dos livros que nasceram para não morar nas estantes mas para circularem de mão em mão, para serem marcados, grifados, dobrados, sorvidos, transportados. Um livro acompanhante.

NOTA

1 - Tanto a capa como a diagramação do livro são criação de Vande Rotta Gomide.